

“Intelectuais, Política e *Pathos*: as trajetórias de San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt”.
Carlos Henrique Aguiar Serra¹

(1) Apresentação:

A idéia principal é trabalhar na perspectiva teórica de se articular a temática dos intelectuais à Política no Brasil, tomando como recorte específico o contexto de 1937 a 1965.

A relação entre intelectuais e política é extremamente complexa e pretendemos adotar um enfoque teórico flexível que leve em consideração necessariamente um approach interdisciplinar.

Queremos ainda trabalhar esta relação existente entre intelectuais e política intimamente imbricada às questões constitutivas do poder e da subjetividade.

Defendemos que a Teoria Política, muito particularmente, deve estar atenta e sensível não só aos enfoques mais comuns acerca do poder, o que, na verdade, se configura enquanto seu objeto de investigação, mas, sobretudo, deve avançar nas análises acerca da relação entre poder e subjetividade.

É por tal razão que sustentamos uma proposta interdisciplinar no que concerne aos estudos temáticos realizados no campo da Teoria Política no Brasil a partir dos anos 70 até a conjuntura atual. Deve, portanto, a Teoria Política aproximar-se mais e mais de outros campos do saber como a História, o Direito, a Psicanálise e a Psicopatologia Fundamental.

Interessa-nos nesta pesquisa mapear detalhadamente as trajetórias intelectuais de duas figuras que tiveram bastante destaque, em suas respectivas áreas de atuação, e também, no campo da Política, mas que, contudo, não mereceram ainda estudos acadêmicos, em geral, que adotassem um veio histórico-crítico e não apenas o enfoque mais tradicional e ainda hegemônico no campo da história das idéias, que é o de se mitificar, trabalhar de forma apologética, e, portanto, a-criticamente determinados intelectuais.

Escolhemos os seguintes autores: Francisco Clementino San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt.

Todos os dois possuem na Política, a inserção de cada um nesta atividade, um significativo elo que os liga, os aproxima e num certo sentido, através da Política, tornam-se mais conhecidos e dão mais publicidade às suas idéias.

Podemos ainda afirmar que os dois autores foram contemporâneos e em determinado momento histórico, ambos atuaram praticamente juntos no campo da política no Brasil.

Referimo-nos especificamente ao final da década de 1950 e começo dos anos 60, até o golpe militar de 1964, quando observamos que Augusto Frederico Schmidt torna-se o principal assessor político e intelectual de Juscelino Kubitschek; e, San Thiago Dantas, que como Ministro das Relações Exteriores tem seu nome rejeitado pelo Congresso Nacional para o cargo de 1º Ministro do País e em 1963, assume como Ministro da Fazenda.

Francisco Clementino de San Thiago Dantas nasceu no Rio de Janeiro em 1911 e veio a falecer em 1964, no dia 6 de setembro. Foi advogado de renome, jornalista e eleito deputado federal pelo PTB.

Como Professor de Direito Civil conquistou a cátedra na Faculdade Nacional de Direito e foi também nesta faculdade, o seu Diretor.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFF.

No seu retorno à vida política, isso nos idos de 1957 e 1958, elege-se deputado federal pelo PTB-MG e até o fim da sua vida, quando vem a falecer vítima de câncer, dedica-se com afinco à política.

Augusto Frederico Schmidt também nasceu no Rio de Janeiro em 1906 e faleceu em 1965. Foi, talvez, o intelectual mais eclético, pois conseguiu ao longo de sua vida atuar em várias áreas e inclusive na política.

Sua formação acadêmica era inscrita, mas não restrita às Letras e tornou-se um renomado escritor, literato e também, poeta. De forma análoga, tendo em vista a sua paixão pelos livros, letras e palavras, exerceu simultaneamente a atividade empresarial e com isso, produziu inúmeros efeitos no campo da política, uma vez que tornou-se um rico e influente empreendedor no país.

Uma boa definição que não aprisiona o pensamento de Augusto Frederico Schmidt é a de que foi um “homem de negócios”². Realmente, foi um ‘homem de negócios’, no sentido amplo da expressão, daí a pregnância da Política, e soube, portanto, negociar politicamente com empresários, políticos, intelectuais no Brasil.

Observa-se, em linhas gerais, que estes intelectuais tiveram uma significativa participação na vida política do País e o que pretendemos realizar é precisamente uma investigação pormenorizada das suas trajetórias com a política não nos descuidando do aspecto emblemático da subjetividade e também, tentando dar relevo às idéias dos autores em questão.

Na verdade, trata-se da forma como encontramos para homenageá-los; ou seja, trabalhá-los criticamente como homens inscritos nos seus respectivos tempos históricos e que suas idéias ainda produzem significativos e múltiplos efeitos na conjuntura atual.

(2) Uma abordagem interdisciplinar:

Pretendemos realizar um amplo diálogo entre distintos e próximos campos do saber como a Ciência Política, a Sociologia, a História, o Direito, a Psicanálise e também, a Psicopatologia Fundamental.

Neste sentido, deve também a Ciência Política acolher um enfoque teórico-metodológico mais flexível e particularmente, dialogando e interagindo, internalizando, portanto, com outras áreas do conhecimento que fazem fronteira com a Teoria Política, mas que, contudo, na dinâmica da *práxis*, há um concreto distanciamento entre esses saberes.

Queremos, então, adotar um *approach teórico* flexível e, na verdade, pretende-se, para além deste *approach teórico* flexível, estabelecer uma abordagem interdisciplinar inscrita no humanismo dialético, onde o nosso objeto de investigação será trabalhado.

Trabalhamos com as concepções de intelectual expressas por Antônio Gramsci, Michel Foucault e Edward Said. Observamos, em Gramsci, a concepção do intelectual orgânico visceralmente inscrito numa classe social. Na verdade, o velho sardo, em seus escritos, a maioria, produzidos no cárcere, costumava sublinhar que todos os indivíduos são intelectuais e por tal razão, não se pode falar em ‘não-intelectuais’. Contudo, nem todos os indivíduos desempenham, segundo Gramsci, as funções numa dada sociedade como intelectuais.

O interessante a observar em Gramsci é que este foi um dos primeiros autores no campo teórico-político do marxismo a avançar acerca de uma proposição por uma teoria dos intelectuais e desta forma, romper radicalmente com a concepção tradicional e conservadora de que os intelectuais constituem uma ‘classe’ independente e autônoma e também, que há uma separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

Gramsci, ao contrário, sustentava que os intelectuais não formam uma ‘classe’, mas sim possuem inscrição de classe. Então, cada intelectual, qualquer que seja, encontra-se devidamente inserido numa determinada classe social e, portanto, não paira de forma autônoma numa dada sociedade.

Em relação à separação tradicional entre trabalho intelectual e manual, Gramsci salienta que o trabalho manual, mesmo o mais modesto, não é desprovido de um saber

² MEY, Leticia e ALVIM, Euda. Quem contará as pequenas histórias?: Uma biografia romanceada de Augusto Frederico Schmidt. São Paulo: Globo, 2005.

específico. Assim, cada ofício, profissão, possui um saber específico e isso é algo significativo para se romper com esta cisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Então, considerando que cada profissão possui um saber específico, identificamos em Michel Foucault, não obstante possuir perspectiva teórica bem distinta da de Gramsci, uma interessante contribuição para este trabalho: o papel do *intelectual específico*.

Foucault destaca que o papel do *intelectual específico* é necessariamente aquele no qual há um engajamento deste intelectual na produção de verdades e saberes. Esta produção de saberes e verdades, sempre no plural, é fundamental em Foucault para se tentar compreender melhor as análises do autor a respeito das instituições disciplinares constitutivas da sociedade burguesa, tais como o cárcere, hospital e manicômios.

Analogamente aos dias atuais, recuperando em certa medida outro intelectual francês contemporâneo, Pierre Bourdieu, ressaltamos que o *intelectual específico* de Foucault coaduna-se perfeitamente no intelectual *engagé*, defendido por Bourdieu na década de 1990.

As duas concepções mencionadas de intelectual em Gramsci e Foucault sinalizam para outra concepção, guardando algumas similitudes com os autores citados, muito bem elaborada, por Edward Said que abraçou durante a sua vida a causa palestina, radicado nos Estados Unidos da América do Norte, com enorme visibilidade em todo o mundo, particularmente na França e Inglaterra, com densa formação em literatura, e que produziu inúmeros escritos e livros sobre cultura e política. Said faleceu em 2003.

Said, nos livros “Representações do intelectual” (2005) e “Cultura e Política” (2003), formula algumas propostas teóricas de se considerar essencialmente o intelectual, seu papel na atualidade, como ‘outsider’, ‘exilado’, ‘amador’. Destaca também que, concomitante aos aspectos de ‘outsider’, ‘exilado’ e ‘amador’, o trabalho do intelectual é solitário. O intelectual, antes de tudo, para Said, é um ‘náufrago’, um ‘solitário’.

O nosso entendimento é de que tais concepções de Edward Said acerca dos intelectuais é extremamente pertinente aos intelectuais que escolhemos para estudar; ou seja, refletir sobre as trajetórias intelectuais de San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt leva-nos inexoravelmente a pensar nos conceitos, que não são excludentes.

Todas essas concepções apontam para a presença do *pathos*, do sofrimento, presente de forma explícita ou velada, enquanto tentativa, na trajetória intelectual e política de cada autor ao longo dos anos 1937-1965.

Esta dimensão do *pathos*, apreendemos e acolhemos nos estudos realizados pelo campo da Psicopatologia Fundamental. Outro aspecto a ser destacado, sob esta perspectiva, é que um dos trabalhos mais impactantes e que, portanto, produziram significativas contribuições à nossa reflexão, é o da autora Marci Passos, que se intitula “A dor que emudece”.

Este belo trabalho, a começar pelo título sensível e criativo, analisa a trajetória intelectual e política do importante filósofo Louis Althusser, falecido em 1990, e que após o assassinato de sua mulher, Hélène Rytman, dez anos antes, é condenado à impronúncia e à profunda solidão tendo em vista o seu julgamento como inimputável.

Segundo a autora, depois de “matar Hélène, em 1980, num estado de absoluta confusão mental, Althusser perdeu a fala. A decisão jurídica de impronúncia condenou-o ao desaparecimento e o recolheu a uma instituição psiquiátrica. Seu nome reapareceu nos jornais em 1990, quando ele morreu, aos 72 anos.”³

Marci Passos analisa, portanto, a ‘travessia clínica’, expressão usada pela autora, de Althusser narrando com inúmeros detalhes como o autor ao longo de sua complexa existência passou por anos e anos, ao todo cerca de quase 15 longos anos, por sucessivas internações onde os surtos psicóticos eram freqüentes na sua vida.

O trabalho de cruzar a história de vida de Althusser com a história intelectual do renomado Althusser é realizado com muita propriedade e precisão por Marci Passos. A riqueza nos detalhes das suas internações e as relações complexas estabelecidas entre Althusser, analistas e sua mulher, Hélène, são descritas de forma admirável pela autora e então, a noção do sofrimento, do *pathos*, na verdade, presente intensamente e dramaticamente na vida de Althusser, ganha uma dimensão ímpar e convida aos que, por

³ PASSOS, Marci Dória. A dor que emudece: travessia clínica de Louis Althusser. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2006.

ventura, se deparam com este texto para uma reflexão mais acurada, sensível, não abrindo mão do rigor teórico, e ampliando, neste sentido, as possibilidades interpretativas existentes.

A tragédia, então, se materializa não só no assassinato de Hélène, que simboliza seu próprio assassinato, o de Althusser, como também na decisão jurídica pela impronúncia. A respeito desta decisão, Althusser em sua autobiografia⁴ costumava dizer com muito sofrimento que fora condenado à morte em vida.

Neste sentido, Marci Passos sugere outra sensível interpretação quando afirma que Althusser “sentia-se, em várias de suas internações, uma espécie de morto-vivo, principalmente quando ninguém o visitava. Embora vivo biologicamente, tinha sua ‘morte biográfica’ decretada, tornando-se uma espécie de ‘desaparecido’ (como nas guerras ou catástrofes).”⁵

A metáfora ‘desaparecido’ e a condição de ‘morto-vivo’ vivenciado por Althusser após o assassinato de sua mulher, em decorrência da decisão judicial pela impronúncia, sinalizam para aquilo que Edward Said chama de ‘exilado’ e ‘náufrago’ no que tange precisamente ao intelectual. O que de sofrimento, portanto, não se inscreve nesta dupla condição de ‘exilado’ e ‘náufrago’?

Outra possibilidade interpretativa instigante em relação a Althusser, à sua própria história, ao assassinato cometido, é realizada por Marta Rezende Cardoso que sustenta ter observado na história de Althusser um “conflito interminável: ser subjugado, internamente, pela sexualidade inconsciente do outro.”⁶ Na verdade, a autora analisa o “aspecto traumático e violento desta ‘relação de poder’ – poder sexual – mostrando como esta se exerce na economia psíquica”, delineando, então, no que concerne às “instâncias psíquicas, uma configuração particular.”⁷

Refletindo sobre a trajetória de Althusser e mais especificamente a respeito do assassinato cometido pelo autor, e também, pensando acerca do papel do intelectual no mundo moderno e contemporâneo, parece-nos que o *acaso*, o *imponderável*, portanto, desempenham um aspecto extremamente significativo na vida de cada indivíduo. Desta forma, abre-se uma lacuna muito tênue para as presenças do “impensável e trágico”⁸.

Ilustrando, então, as presenças do trágico, impensável e do imponderável, observamos a fala proferida por Althusser acerca do assassinato de Hélène. No relato de Elizabeth Roudinesco, que endossa o fato de ter sido testemunha da mesma e única versão dada por Althusser a respeito do crime praticado contra Hélène, deparamo-nos com a dimensão do trágico quando o autor verbaliza que “matei a mulher que ar tudo para mim no mundo durante uma crise de confusão mental, ela que me amava a ponto de chegar a querer morrer por não conseguir viver, e provavelmente em minha confusão e inconsciência ‘prestei-lhe esse serviço’, do qual não se defendeu, mas pelo qual foi morta.”⁹

Interessante atentar para um significativo indício presente na verbalização feita por Althusser no que diz respeito ao crime cometido por ele contra a sua mulher, Hélène. O indício em questão foi que o autor somente em 1985, cinco anos após o assassinato, ao tomar conhecimento através de Claude Sarraute, que era jornalista do *Le Monde*, da história de um criminoso japonês, chamado Issei Sagawa, que “matara uma jovem holandesa, depois despedaçara e devorara o corpo.”¹⁰

⁴ ALTHUSSER, Louis. *O Futuro dura muito tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵ PASSOS, Marci Dória. *Op. Cit.*

⁶ CARDOSO, Marta Rezende. “*Algumas reflexões sobre a autobiografia de Louis Althusser*”. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, Vol. I, nº. 3, setembro de 1998.

⁷ CARDOSO, Marta Rezende. *Op. Cit.*

⁸ PASSOS, Marci Dória. *Op. Cit.*

⁹ ROUDINESCO, Elizabeth. *Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

¹⁰ ROUDINESCO, Elizabeth. *Op. Cit.*

Assim sendo, a partir deste fato, portanto, ao saber por um jornalista sobre outro crime, eis o indício, é que Althusser decide “reconstruir por escrito”¹¹ a cena na qual matou a sua mulher.

Esta cena é descrita por Althusser em detalhes, minudências, pormenores, vestígios, que evidenciam toda a presença do imponderável, do acaso, da materialização da tragédia. Diz o autor que “o rosto de Hélène está imóvel e sereno, seus olhos abertos fitam o teto. De repente sou tomado pelo terror: seus olhos estão interminavelmente fixos, e sobretudo eis que uma breve ponta de língua repousa, insólita e tranqüila, entre seus dentes e lábios. Decerto já vi mortos, mas em toda a minha vida não observara o rosto de uma estrangulada. Mas como? Levanto-me e grito: estrangulei Hélène!”¹²

Trata-se de uma cena impactante por si só pois traz consigo a presença concreta do assassinato, da morte, do estrangulamento; porém, tão impactante quanto à cena, é a representação desta realizada por Althusser. Na sua representação e portanto, descrição daquele momento fatídico que o arruína para sempre, até o dia de sua morte, esta biológica, em 22 de outubro de 1990, percebe-se um gama de sentimentos difusos, conflitantes, marcados pela perplexidade, angústia, pavor, pânico e terror.

Roudinesco fornece uma interessante interpretação acerca do relato de Althusser. A autora afirma que há um choque com “a simplicidade com que o narrador conta o assassinato e toma consciência do horror de seu ato no exato momento em que sua realidade parece lhe escapar. Matou sem saber que matava e sem que a vítima proferisse a menor queixa. Matou num gesto corriqueiro que, antes da cena, nunca se parecera com um ato assassino.”¹³

Esta dimensão do sofrimento, do *pathos*, guardando as devidas proporções, na medida do possível, é que pretendemos também investigar nas trajetórias existenciais, intelectuais e políticas dos autores San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt.

A Psicopatologia Fundamental, segundo Manoel Berlinck, está interessada num “sujeito trágico que é constituído e coincide com o *pathos*, o sofrimento, a paixão, a passividade.”¹⁴ O autor ainda destaca que este sujeito “encontra sua mais sublime representação na tragédia grega”. Então, observamos que o que perpassa, atravessa, constitui a tragédia é precisamente o *pathos*, sofrimento, paixão, passividade. Desta forma, para Berlinck, quando o *pathos* acontece, “algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorear desse acontecimento, a não ser como paciente, com ator.”¹⁵

Assim, *pathos* designa “o que é pático, o que é vivido. Aquilo que pode se tornar experiência.”¹⁶ Desta forma, ainda conforme Berlinck, a Psicopatologia Fundamental ocupa uma “posição clínica” e esta “posição clínica” possibilita tratar, lidar, ao escutar, o “sofrimento humano”.

Tentar compreender este sofrimento humano sob uma perspectiva mais ampliada, acolhendo, sem dúvida, as contribuições da Psicopatologia Fundamental, constitui um dos nossos objetivos porque estamos convencidos de que uma abordagem ‘canônica’ e tradicional acerca da temática que envolve os intelectuais e a política sem uma referência mais aprofundada e por conseguinte, sua incorporação, da dimensão do *pathos*, realmente parece-nos incompleta, imprecisa e equivocada.

Realizar este diálogo de corte interdisciplinar entre disciplinas próximas, afins, mas também, distantes e singulares, como Teoria Política, História, Direito, Psicanálise e Psicopatologia Fundamental, é uma de nossas inquietações teórico-metodológicas e desta forma, investigar as trajetórias intelectuais de San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt sob este ‘approach flexível’ parece-nos pertinente e exequível.

¹¹ Idem.

¹² A cena do assassinato é relatada nas obras já mencionadas, Passos, Cardoso e Roudinesco. Entretanto, optamos por tomar como referência o próprio texto de Althusser, “O Futuro dura muito tempo.”

¹³ ROUDINESCO, Elizabeth. Op. Cit.

¹⁴ BERLINCK, Manoel Tosta. Op.cit.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

O período escolhido na presente pesquisa para situarmos e inscrever as trajetórias de vida, inserções políticas dos autores em tela, os anos 1937 a 1965, é composto por distintas, específicas, similares conjunturas políticas. Assim sendo, podemos observar que há duas conjunturas em questão: a) 1937-1945 – conjuntura do Estado Novo; b) 1946-1964 – conjuntura do Estado de Direito.

Há ainda, de forma efêmera, uma breve vivência, muito significativa, por parte dos dois autores, durante o regime militar; ou seja, após o golpe militar em abril de 1964.

Os marcos historiográficos que balizam a nossa pesquisa são os anos de 1937 e 1965. O ano de 1937 é emblemático porque representa a implantação do Estado Novo, a ditadura Vargas, no Brasil. Em relação ao ano de 1965, este representa o falecimento de Augusto Frederico Schmidt.

Os pressupostos teóricos elaborados por Edward Said no que tange aos intelectuais e suas representações servirão como balizadores na nossa reflexão acerca das trajetórias intelectuais e políticas dos referidos autores. Desta forma, interessa-nos discutir e problematizar em cada autor as concepções de intelectual enquanto ‘outsider’, ‘amador’, ‘profissional’, ‘exilado’, ‘solitário’ e ‘náufrago’.

Queremos dizer, contudo, que não obstante tais concepções formuladas por Said atuarem como referências significativas para a nossa pesquisa, que estas premissas de Edward Said, em hipótese alguma, serão trabalhadas enquanto ‘camisas de força’, portanto, no sentido de aprisionarem e empobrecerem as trajetórias intelectuais e políticas de San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt.

Trabalhamos com algumas possibilidades interpretativas em relação às trajetórias intelectuais e políticas dos referidos autores e, portanto, é de nosso interesse problematizá-las, fazer algumas indagações e na medida do possível, estabelecer interconexões entre histórias de vida e histórias sociais.

(3) Considerações finais:

Sustentamos, ao longo do trabalho, que as respectivas trajetórias destes autores têm a marca da complexidade, da dinâmica e não, da linearidade, do evolucionismo. Desta forma, interessa-nos problematizar cada pensamento, concebendo-o enquanto ideologia, devidamente inscrito no contexto histórico específico dos anos de 1937 a 1965.

Trabalhamos com algumas possibilidades interpretativas em relação às trajetórias intelectuais e políticas dos referidos autores e, portanto, é de nosso interesse problematizá-las, fazer algumas indagações e na medida do possível, estabelecer interconexões entre histórias de vida e histórias sociais.

Neste sentido, sublinhamos que tais interconexões ilustram bem a relação existente entre Política e *Pathos*, vivenciada de forma muito peculiar por San Thiago e Augusto Frederico Schmidt.

No que diz respeito a San Thiago Dantas, podemos dizer que o episódio da rejeição do seu nome para Primeiro-Ministro, após renúncia de Jânio Quadros, foi um sintoma significativo do estigma, preconceito e representações acerca das suas idéias como Ministro das Relações Exteriores.

Esta rejeição ao nome de San Thiago traz consigo toda uma representação preconceituosa em relação ao autor por concebê-lo enquanto *comunista*, *subversivo*. Tal representação, em certa medida, deve-se ao posicionamento defendido por San Thiago Dantas na formulação da Política Externa Independente, na qual defendia, entre outros aspectos: o princípio da não-intervenção; reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a URSS; autodeterminação dos povos; não expulsão de Cuba da OEA (SERRA, 1991).

Diante de uma conjuntura política marcada pelo aguçamento das lutas de classes, radicalização do processo político, o posicionamento de San Thiago Dantas, não obstante o autor sublinhar que movia-se exclusivamente baseado no princípio “The Rule of Law”, foi percebido e sentido pelos segmentos mais conservadores e reacionários da sociedade brasileira como estritamente ideológico, no sentido pejorativo do termo, numa conotação *esquerdista*, *de comunista*.

Podemos afirmar, então, que o autor, que veio a falecer em setembro de 1964, ficou profundamente marcado por este estigma e morreu, portanto, extremamente magoado, ressentido com essas representações, por parte de determinados setores, que o apresentavam como *comunista*.

Uma hipótese que defendemos, em relação ao pensamento do autor, é que San Thiago Dantas foi um liberal, no sentido clássico da expressão, uma espécie de *livre-pensador*.

Foi, portanto, um intelectual comprometido com projetos, idéias para o Brasil e que na década de 1960, tais idéias não foram devidamente compreendidas e aceitas por uma parcela hegemônica do Poder que se configurava a partir de 1961, após a renúncia de Jânio Quadros.

Acrescentamos ainda que San Thiago Dantas, tendo em vista a perspectiva teórica elaborada por Edward Said, foi um *náufrago* e *solitário*. Suas idéias, ainda hoje, sofrem um duplo movimento: ou há uma apologia irrestrita ao pensamento do autor, ou então, há a representação de que o autor foi um *comunista*.

Este duplo movimento é completamente equivocado porque apesar do avanço político de suas idéias e propostas, San Thiago teve seus limites e condicionantes históricos e, por outro lado, a representação de que era *comunista* configura-se em algo anacrônico e esquizofrênico porque o autor nunca foi comunista, era católico e liberal.

Em Augusto Frederico Schmidt, a relação entre sua trajetória de vida, a inserção na Política e o *pathos*, é de uma complexidade ímpar na medida em que o autor sendo um poeta por vocação e desejo imiscuiu-se e chegou, portanto, a desempenhar ao longo de sua vida, inúmeras outras atividades, tais como, por exemplo, empresário bem-sucedido e o exercício na política onde se destaca a sua participação como principal secretário do ex-presidente Juscelino Kubitschek no qual, inclusive, foi *ghost-writer* de JK.

Em linhas gerais, podemos afirmar que pelo fato de nunca ter abandonado a sua condição existencial e profissional de poeta, não obstante o êxito como empresário, a presença do *pathos* na sua vida é muito emblemática e remete-se aos tempos de juventude quando sentia-se diminuído, envergonhado por ser gordo e usar óculos.

É interessante observar, então, que há em Augusto Frederico Schmidt uma relação muito peculiar, especial mesmo, entre a política e a poesia; a política e a estética.

A vasta obra poética do autor, objeto nosso de futura investigação, expressa muito bem toda a sua sensibilidade diante dos dramas humanos, existenciais; diante, portanto, da dor, do sofrimento e neste sentido, o tema *morte* aparece com certa frequência em sua antologia poética no decorrer de sua vida.

Assim sendo, o *pathos* se faz presente de uma forma mais intensa em alguns momentos da sua trajetória existencial-intelectual que identificamos quando o autor, tendo um desejo enorme de ser pai, vê, percebe, sente e sofre no seu casamento com Yedda Schmidt, sua grande paixão e amor da vida, quando sua mulher, então, perde duas gestações. A forma de Schmidt expressar sua dor, seu sofrimento, canaliza diretamente para a poesia. O poema *inventário* é um sintoma de todo este sofrimento vivenciado pelo autor.

Outro episódio onde a presença do *pathos* se manifesta de forma bem significativa é quando Juscelino Kubitschek, em pleno governo de Castelo Branco, é cassado pelo regime militar e tem que se exilar. A cassação de JK foi um duro golpe para Schmidt que, assim como San Thiago Dantas, chegou a acreditar que em 1965, conforme compromisso assumido por Castelo Branco anteriormente, a sociedade brasileira teria eleições presidenciais.

Um aspecto que também merece ser explorado de forma mais detalhada é a relação de amizade entre San Thiago Dantas e Augusto Frederico Schmidt. Vale dizer que ambos foram grandes amigos e parceiros em suas respectivas trajetórias intelectuais.

A nossa hipótese em relação a Augusto Frederico Schmidt é que ele foi um *liberal conservador*, no exercício da política e na vida empresarial, como secretário de JK, nas suas missões representando o Governo brasileiro e os empresários.

No que concerne ao poeta Schmidt, a nossa representação é de que, como um *livre-pensador*, foi um *solitário*, *náufrago* (SAID, 2003).

O autor, vítima de ataque cardíaco, veio a falecer em outubro de 1965, pouco mais de um ano após a morte do seu amigo San Thiago Dantas.

Na conjuntura atual, sem dúvida alguma, as idéias, empreendimentos, projetos e poesia, desses autores, fazem muita falta.

(4) Bibliografia:

ANDERSON, Perry. Afinidades seletivas. São Paulo: Boitempo, 2002.

BERLINCK, Manoel Tosta. Dor. São Paulo: Escuta, 1999.

_____. Psicopatologia Fundamental. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. "Catástrofe e representação. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental" in: Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Ano II, número 1, março de 1999.

_____. "O que é Psicopatologia Fundamental" in: Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Ano I, número 1, março de 1998.

BIRMAN, Joel. "A psicopatologia na pós-modernidade: as alquimias no mal estar da atualidade" in: Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Ano II, número 1, março de 1998.

CARDOSO, Marta Rezende. "Algumas reflexões sobre a autobiografia de Althusser" in: Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Ano I, número 3, setembro de 1998.

. **DANTAS**, Francisco Clementino de San Thiago. Rui Barbosa e o Código Civil. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. 85 p.

_____. Problemas de Direito Positivo: estudos e pareceres. Rio de Janeiro: Revista Forense, 1953. 428 p.

_____. Integralismo e as classes armadas. In: Enciclopédia Integralista. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1960. Volume IV, p. 59-64.

_____. A preparação das elites integralistas. In: Enciclopédia Integralista. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1960. Volume IX, p. 149-159.

_____. Discurso de posse do Senhor San Tiago Dantas como Ministro de Estado das Relações exteriores. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1961. 16 p.

_____. Figuras do Direito. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. 144 p.

_____. Política Externa Independente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. 258 p. (Retratos do Brasil, 13).

_____. Produtividade, aspecto institucional. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Brasil, 1962. 27 p. (Cadernos de ciências sociais, 6).

_____. Idéias e rumos para a revolução brasileira: discurso na homenagem que lhe foi prestada como "Homem de visão de 1963". Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

_____. Programa de Direito Civil II: aulas proferidas na Faculdade Nacional de Direito (1943-1945): contratos. Rio de Janeiro: Rio, 1978. 378 p.

_____. D. Quixote: um apólogo da alma ocidental. Brasília, DF: UNB, 1979. 80 p. (Cadernos da UNB).

_____. Programa de Direito Civil I: aulas proferidas na faculdade nacional de direito (1942-1945): parte geral. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio, 1979. 406 p.

_____. Programas de Direito Civil III: direito das coisas. Rio de Janeiro: Rio, 1979. 464 p.

_____. Discursos parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983. 704 p. (Perfis parlamentares, 21).

_____. Um seminário na Universidade de Brasília. Brasília, DF: Editora UNB, c. 1985. 81 p. (Coleção Itinerários).

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

MARTINS, Francisco. "O que é pathos?" in: Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Ano II, número 4, dezembro de 1999.

MEY, Letícia e **ALVIM**, Euda. Quem contará as pequenas histórias?: uma biografia romanceada de Augusto Frederico Schmidt. São Paulo: Globo, 2005.

PASSOS, Marci Dória. A dor que emudece. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

PENNA, Maria Luiza. Luiz Camillo: perfil intelectual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SAID, Edward. Representações do intelectual. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Cultura e Política. São Paulo: Boitempo, 2003.

SCHMIDT, Augusto Frederico. In: "Ruy Barbosa: defensor do homem". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

_____. Discurso aos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. O Galo Branco: páginas de memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____. "O Brasil está parado e o regime corre perigo". In: Jornal do Brasil, 5 nov. 1961.

_____. "O Governo Castello tornou o Brasil negativo e triste". In: Jornal do Brasil, 30 jul. 1964.

_____. Cartas de sempre. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1981.

_____. "O poeta clama contra a servidão". In: O Globo, 17 fev. 1985.

_____. Poesia completa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

_____. As florestas. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. Antologia de prosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. Antologia política. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

SCHORSKE, Carl. Viena fin du siècle. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERRA, Carlos Henrique Aguiar. O pensamento político de San Tiago Dantas: uma análise crítica da conjuntura político-ideológica de 1958-1964. Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado), PUC, 1988.

_____. Direito Penal e Criminologia em Roberto Lyra e Nélon Hungria: uma proposta indisciplinada. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.

ZIZEK, Slavoj. Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. Bem-vindo ao deserto do Real. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Arriscar o impossível: conversas com Zizek. São Paulo: Martins, 2006.